



Avaliação da Aprendizagem: Um Desafio na Disciplina de Anatomia Humana para o Docente

Rosmarí Deggerone^a, Neuza Terezinha Oro^b

^a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, RS, Brasil

^b Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil

ARTICLE INFO

Recebido: 06 de março de 2018

Aceito: 14 de novembro de 2018

Disponível on-line: 01 de maio de 2019

Palavras chave: Estudo da anatomia humana, técnico em Enfermagem, avaliação da aprendizagem.

E-mail:

deggerone@upf.br

neuza@upf.br

ISSN 2007-9842

© 2019 Institute of Science Education.

All rights reserved

ABSTRACT

The study of bibliographical character had as objective to seek an alternative assessment in the discipline of human anatomy, the technical course in Nursing, to contemplate the specific skills and abilities of the student, average level in the area of health. The human anatomy is essential, complex and the theoretical foundation and practical, in almost all of the curricular components of the Technical Course in Nursing. The didactic-pedagogical actions and strategies that contemplate the discipline of human anatomy are numerous, and to implement the practical test as an evaluative instrument, you get a better analysis of the performance of the learner, as well as an evaluation of learning and teaching-learning process. In the practical evaluation, the student needs to master complex skills and competences, formulate and argue the answers before the problem situation experienced. Therefore, it is confirmed that the evaluation practice is a viable tool to be used for a proper monitoring of the scholastic performance of the student in training, specifically in the area of health. Probably, with the completion of the practical test, the individual aspects of educating emerge and the teacher, on condition of facilitator, will be able to identify, analyze, interpret, and evaluate their formative path and the teaching-learning process. From the completion of the evaluation of the student with the practical test has the power to intervene in the objectives, the plan of course and in the political-pedagogical project and thus promote the changes and the didactic-pedagogical interventions are necessary, so that the learning happens and the subjects involved in the educational-formative process are really agents transformers of educational reality and social and professional care reflective, ethical and humane.

O estudo de caráter bibliográfico teve como objetivo buscar uma alternativa de avaliação na disciplina de anatomia humana, no curso Técnico em Enfermagem, para contemplar as competências e habilidades específicas do educando, de nível médio na área da saúde. A anatomia humana é essencial, complexa e o embasamento teórico-prático, na quase totalidade dos componentes curriculares do curso Técnico em Enfermagem. As ações didático-pedagógicas e as estratégias que contemplam a disciplina de anatomia humana são inúmeras e, ao implementar a prova prática como um dos instrumentos avaliativos, obtém-se uma melhor análise do desempenho do educando, bem como uma avaliação da aprendizagem e do processo ensino-aprendizagem. Na avaliação prática, o educando precisa dominar habilidades e competências complexas, formular e argumentar as respostas diante da situação-problema vivenciada. Portanto, confirma-se que a avaliação prática é um instrumento viável a ser utilizado para um acompanhamento adequado do desempenho escolar do aluno em formação, especificamente na área da saúde. Provavelmente, com a realização da prova prática, os aspectos individuais do educando emergem e o professor, na condição de facilitador, poderá identificar, analisar, interpretar e avaliar a sua trajetória formativa e o processo ensino-aprendizagem. A partir da complementação da avaliação do educando com a prova prática tem-se a possibilidade de intervir nos objetivos, no plano de curso e no projeto político-pedagógico e assim, oportunizar as mudanças e as intervenções didático-pedagógicas necessárias, para que a aprendizagem aconteça e os sujeitos envolvidos no processo educativo-formativo sejam realmente agentes transformadores da realidade educacional e social e profissionais do cuidado reflexivo, ético e humanizado.

I. INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado integra uma das inquietações na docência da área de saúde, do Centro de Ensino Médio Integrado-UPF, da Fundação Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil quanto e como avaliar o aluno na disciplina de anatomia humana. Primeiramente, há uma necessidade cada vez mais abrangente de instrumentalizar o aluno com competências e habilidades específicas pré-estabelecidas, no componente curricular do curso Técnico em Enfermagem desta instituição. A demanda no mundo do cuidado exige conhecimentos que viabilizam as novas tecnologias e os avanços no processo do cuidar, este requer novas competências e habilidades a serem contempladas ao aluno na condição de aprendiz. Ainda, neste aspecto, emergem inovações nas formas de diagnósticos e nas terapêuticas e, uma complexidade de procedimentos na assistência educativa-cuidativa ao cliente-paciente.

Para Demo (1998) à Educação no mundo de hoje vem sempre associada ao desafio do conhecimento, pois a matriz do desenvolvimento é a Educação e o Conhecimento. Logo, o professor precisa oportunizar metodologias e métodos de ensino, na tentativa de sanar as dificuldades identificadas no aluno e, ser capaz de avaliar a sua aprendizagem. A partir de diferentes abordagens didático-pedagógicas, especificamente na área da enfermagem de nível médio, tem-se a pretensão que haja o desenvolvimento das competências e habilidades essenciais para que o educando possa então desempenhar a sua futura profissão com segurança, responsabilidade e ética.

O grupo discente diante dos desafios de uma profissão na área da saúde necessita de um ensino que venha lhe proporcionar uma formação de qualidade, específica e que lhe possibilite uma preparação adequada para o desempenho de suas atribuições profissionais. Diante desses direcionamentos, tem-se a proposta de buscar uma alternativa viável quanto à disciplina de anatomia humana que muitas vezes como em outras disciplinas, o aluno precisa desenvolver competências e habilidades consideradas complexas e difíceis devido à falta de um embasamento teórico dos anos escolares anteriores. Sendo assim, acredita-se que oportunizando novas formas de avaliação, no caso da avaliação prática, o aluno poderá obter uma aprendizagem condizente com as exigências referentes à formação técnica, na área da saúde de nível médio, no Curso Técnico em Enfermagem.

O conteúdo programático de anatomia humana exige várias maneiras de ser repassado ao aluno tais como: aula dialogada e expositiva, por documentários, aulas teórico-práticas no prédio da morfologia, pesquisas e estudos dirigidos, mas a avaliação tanto a parcial quanto a cumulativa é teórica e ao meu entendimento é possível perceber-se que nem sempre esgota todas as possibilidades de avaliar o aluno e o conhecimento adquirido (Turra, 1985).

A avaliação da aprendizagem é um tema complexo e exige um constante repensar do profissional da educação. Constata-se que o aluno, ao chegar num curso pós-ensino médio não possui uma aprendizagem condizente com o grau de escolaridade que lhe é atribuída e, portanto, o seu rendimento quanto à aprendizagem não é nem mesmo satisfatório (Minguet, 1998). A partir desta constatação pretende-se incluir a prova prática na disciplina de anatomia humana do curso Técnico em Enfermagem para oportunizar um acompanhamento melhor do processo de ensino-aprendizagem que norteia a clientela-alvo, isto é, os alunos do referido curso.

O profissional da educação, como agente facilitador da aprendizagem, necessita disponibilizar novas metodologias de ensino e instrumentos de aprendizagem ao aluno, e, buscar formas alternativas de avaliação do processo e sempre que possível redefinir os objetivos conforme a demanda (Bastable, 2010). Ainda é relevante uma proposta pedagógica que busque superar a dicotomia entre a teoria e a prática, tendo como meta a construção de uma prática pedagógica coerente e, que assim a metodologia da práxis seja uma realidade. E, que por meio dela seja possível a compreensão da concepção de mundo que inspira a ação dos sujeitos que integram o processo ensino-aprendizagem, as modificações a partir da própria ação. A metodologia da práxis pedagógica tem como momento essencial é o esforço de compreender os fundamentos e as concepções do mundo que orientam os sujeitos, no cotidiano escolar (Benincá, 2010).

Como docente do curso Técnico em Enfermagem e, profissional atuante da área, vivencio muitas dificuldades relacionadas à aprendizagem do grupo discente em especial na disciplina de anatomia humana, pois formar um técnico na área da saúde, mais especificamente na enfermagem, requer desenvolver competências e habilidades específicas essenciais no processo do cuidado (Brasil, 2008).

Considerando ainda, que a disciplina de anatomia humana faz parte do curso como embasamento de outras disciplinas e para o exercício da profissão, e que se constitui no desafio do saber-fazer com conhecimentos técnico-científicos específicos. O profissional de nível técnico na área da enfermagem necessita de um conhecimento específico quanto à anatomia humana que poderá ser adquirido com melhor qualidade a partir das aulas teórico-práticas, com uma consequente avaliação prática da aprendizagem durante o curso.

II. REVISÃO DA LITERATURA

II.1 Estudo da Anatomia Humana

A disciplina da anatomia apresenta um papel importante na formação do educando na área da saúde, mais especificamente do técnico de enfermagem. Identifica-se que existe uma vasta bibliografia relacionada à anatomia humana e com várias divisões. (Parizzi, 2004) Sabe-se que a anatomia surge desde que o homem começa a estudar o mundo, a si próprio. Quanto ao estudo da anatomia, conforme os conhecimentos que chegaram até os dias atuais, é possível afirmar que as suas origens provavelmente estão relacionadas bem:

Antes de os egípcios elaborarem as suas técnicas complexas de embalsamação, de os chineses estruturarem a metodologia da Acupuntura ou de os hindus aperfeiçoarem as suas técnicas cirúrgicas (os primeiros indícios de cirurgia reparadora do nariz na Índia remontam aproximadamente a 2000 anos atrás),(...) No entanto, não existem muitos documentos que o testemunhem, pois na Antiguidade, os conhecimentos eram transmitidos de xamã para aprendiz, de professor para discípulo e as noções médicas se confundiam com os rituais mágicos e com crenças religiosas acessíveis apenas a alguns iniciados. (Rigutti, 2007).

Percebe-se que as ciências, quase a totalidade, no início dos tempos, tiveram como entraves a interferência dos rituais mágicos e das crenças religiosas, e na anatomia não aconteceu diferente. Muitos pesquisadores afirmam que os estudos da anatomia apresentaram muitas dificuldades em aperfeiçoamentos e aprofundamentos devido à oposição sofrida nestes dois aspectos citados e que estes foram determinantes para em algumas situações ocorrer à estagnação, o descaso. Ainda, o conhecimento apresentava-se bem restrito somente aos iniciados e, portanto, há muita dificuldade de encontrar documentos escritos destas culturas da Antiguidade. Os conhecimentos da disciplina e a sua história apesar de todo o empirismo da Antiguidade, necessitava de uma organização e assim emerge: A anatomia humana afirmou-se como ciência propriamente dita com os Gregos. Cerca de 700 a.C. foi desenvolvida em Cnido, a primeira escola Médica, onde as tradições religiosas ao culto de Asclépio foram totalmente abandonadas e substituídas pela observação do doente. Foi ali que trabalhou Alcmeon, autor da primeira obra de anatomia da História, da qual, infelizmente, conservam-se poucos fragmentos (Rigutti, 2007).

A partir da citação há a confirmação da origem da primeira obra referente a história da anatomia. Conhecimento que certamente com o passar dos séculos tornou-se difundido entre os estudantes, professores e profissionais das áreas da saúde, bem como sofreu mudanças e aprofundamentos acompanhando as evoluções do pensamento científico e da pesquisa. Então, a anatomia permaneceu estagnada em torno de cem anos após esta publicação, quando surge o pai da medicina, Hipócrates que fundava em Cós a sua escola médica, que por milênios foi o grande diferencial e marco da anatomia (Rigutti, 2007).

Muitas civilizações apresentavam estudos relacionados ao corpo humano, mas o avanço à anatomia moderna ocorre com surgimento do microscópio óptico, por Antonie van Leeuwenhoek e Marcello Malpighi, pois descobriram as células do sangue e os corpúsculos presentes na pele, as células germinais e outras estruturas, e assim as pesquisas se intensificaram no fim do século XVIII e início do século XIX, até os dias atuais (Rigutti, 2007).

Devido à crescente evolução da anatomia e o aperfeiçoamento das técnicas de pesquisa, sua divulgação e o desenvolvimento de estudos microscópicos na área, juntamente com o surgimento de métodos diagnósticos não invasivos como: a radiografia, ultrassonografia, tomografia computadorizada e outros. Esta transformou-se numa ciência dinâmica e fundamental para o saber médico e em outras áreas da saúde (Rigutti, 2007).

A aplicação do conhecimento da anatomia é essencial para um cuidado de qualidade e humanizado ao cliente-paciente. No desenvolvimento dos conteúdos que integram as aulas de anatomia busca-se instrumentalizar o aluno com os conhecimentos básicos para que possa ter uma formação adequada a nível técnico, na área da saúde (Costa, 2003).

A anatomia está organizada nos componentes curriculares na primeira etapa, pois é considerada uma disciplina que serve como embasamento teórico-prático para a fundamentação de outras disciplinas. Uma das dificuldades encontradas é a maneira como os assuntos são descritos, em um nível para os cursos de graduação, mais aprofundados e, poucos recursos didáticos são direcionados para os cursos técnicos, quanto à abrangência dos conteúdos. Geralmente, faz-se necessário uma adaptação dos conteúdos programáticos que venha a suprir as exigências do curso técnico. A maioria dos alunos considera a disciplina muito difícil e complexa, mas a realidade provavelmente seja a não existência de uma rotina de estudo, por parte do educando. No curso técnico de enfermagem a disciplina é requisito básico na primeira etapa e é desenvolvida normalmente em quatro créditos. Ainda, juntamente com a anatomia muitas vezes a grade curricular introduz a fisiologia, que é desenvolvida concomitantemente (Costa, 2003).

Atualmente, não há problemas de material didático-pedagógico quanto à disciplina de anatomia, tanto na teoria quanto a prática, com bustos, esqueletos, laboratórios, documentários e outros. Inicialmente, a disciplina aborda a história, pontuando alguns aspectos quanto à importância relacionada ao curso e a vida humana. A seguir, são resgatadas as noções básicas quanto à citologia e histologia, referentes aos conhecimentos identificados no grupo discente. Muitos alunos possuem um nível adequado de conhecimentos relacionados à citologia e histologia e outros assuntos trabalhados, mas isto não é uma regra, provavelmente um dos entraves que dificulta a aprendizagem da disciplina de anatomia, no curso técnico de enfermagem (Rigutti, 2007).

A aula teórica na disciplina é fundamental e sempre que possível, poderá ser acrescida da parte prática. Ao trabalhar os sistemas e aparelhos, além do estudo das estruturas, sua localização, principais funções e alterações e outros aspectos relevantes, o aluno do curso técnico de enfermagem deverá, sempre que possível, relacionar o conteúdo e sua aplicabilidade no mundo do trabalho (Libâneo, 1999, p.192).

Percebe-se que o aluno possui uma determinada dificuldade de relacionar os conteúdos e, principalmente, na realização de uma aula teórico-prática que se tornam mais evidentes, sendo assim há a avaliação diagnóstica referente ao comportamento e que possibilita identificar quais os objetivos que o mesmo domina (Turra, 1985).

O estudo da anatomia apresenta uma divisão em duas áreas bem distintas: a anatomia sistêmica e a anatomia topográfica. A anatomia sistêmica integra o estudo analítico macro e microscópico das partes que constituem o corpo humano, e são fundamentais para que o indivíduo na condição de aprendiz, no curso técnico de enfermagem desenvolva as competências e as habilidades específicas. Também a anatomia topográfica é denominada de regional e estuda a situação e as relações entre as estruturas, apresenta uma natureza aplicada sendo ainda chamada de anatomia aplicada. Independente das divisões é importante salientar que o estudo da anatomia é imprescindível nas áreas da saúde humana, quer nos cursos técnicos, graduação e pós-graduação. O conhecimento da anatomia pode ser abordado ainda através de muitas técnicas, disciplinas afins e especializações conforme a área de formação e ou atuação profissional (Freitas, 2004).

Devido à complexidade da disciplina é essencial instrumentalizar o grupo discente adequadamente com a terminologia anatômica que sempre é determinante para que ocorra a compreensão e a aprendizagem do conteúdo desenvolvido. Sabe-se que foi a partir do século XVI que teve início o surgimento dos termos para designar as estruturas anatômicas e assim para haver um consenso nos conceitos aplicados, entre os anatomistas. Atualmente, os conceitos são regulamentados e obedecem a uma padronização e a sua elaboração apresenta critérios estabelecidos pela Assembleia Geral do Congresso Internacional de Anatomia do Rio de Janeiro (1989) e pelos membros da Federação Internacional das Associações de Anatomistas (Freitas, 2004).

A Terminologia Anatômica mais recente foi publicada, no ano de 1998, em latim e inglês, na cidade de Nova York. É essencial salientar que os termos anatômicos são de origem grega, árabe ou latina. Acrescenta-se que a terminologia é subdividida em geral e especial, sendo que a designação nominal relacionadas às estruturas fundamentais na forma de órgãos ou parte dele. Quanto à terminologia geral refere-se à denominação de linhas, dos planos e das regiões do corpo humano. Enquanto que a designação especial está relacionada aos nomes que constituem as diferentes estruturas do corpo como por exemplos: os ossos, os músculos, os órgãos dos sentidos e outros (Freitas, 2004).

A aprendizagem da anatomia é facilitada com o conhecimento da terminologia específica, pois permite ao educando relacionar as estruturas, localizações, funções e outras alterações, patologias e assim desenvolver as competências e habilidades definidas no projeto político-pedagógico. Então, pretende-se afirmar que:

A aprendizagem da anatomia é facilitada com o conhecimento da terminologia específica, pois permite ao educando relacionar as estruturas, localizações, funções e outras alterações, patologias e assim desenvolver as competências e habilidades definidas no projeto político-pedagógico. Então, pretende-se afirmar que uma disciplina pode ser definida como uma categoria que organiza o conhecimento científico e que institui nesse conhecimento a divisão e a especialização do trabalho respondendo à diversidade de domínios que as ciências redobrem. Apesar de estar englobada num conjunto científico mais vasto, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem que instaura, pelas técnicas que é levada a elaborar ou a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (...). (Morim, 2002).

Sabe-se que apesar da autonomia da disciplina, ela interage com as demais e integra um conhecimento científico que apresenta uma aplicabilidade no mundo do trabalho. E cada disciplina possui uma maneira de avançar determinadas fronteiras, linguagens, técnicas e teorias específicas. A anatomia perpassa por este processo e adquire características fundamentais para abordar as metodologias e os métodos a serem adotados pelo grupo docente no processo ensino-aprendizagem da disciplina em questão (Brasil, 2008).

Muitas falas dos profissionais da educação, em especial de anatomia e ou de anatomia e fisiologia humanas, são unânimes em afirmar que a aprendizagem da disciplina na primeira etapa é primordial para a maioria das demais disciplinas da mesma e das etapas seguintes. Os conteúdos desenvolvidos são pré-requisitos para as outras disciplinas e para que ocorra a interdisciplinaridade necessária nas ações educativas-cuidativas, nas aulas teórico-práticas, nas práticas e no estágio supervisionado da quarta etapa, ou conforme a grade curricular do curso. Para Morim, é relevante salientar que:

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia da unidade da espécie humana não apague a ideia da diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (2002).

Constata-se a preocupação do autor quanto à unidade do conhecimento apesar da diversidade. Ao relacionar a citação com a disciplina de anatomia é essencial enfatizar que a mesma serve de unidade para as demais etapas do curso. Ainda é fundamental ter a compreensão da unidade para integrar as outras partes, como no caso as outras disciplinas e etapas seguintes nas diversidades dos conteúdos e suas especificidades. A fundamentação teórica, ou teórico-prática tem o início na anatomia e gradativamente na diversidade e sequencialmente nas demais etapas integrantes do curso.

Acrescenta-se ainda os objetivos descritos no plano de curso, referentes à disciplina que o aluno deverá alcançar tais como: a) compreender e interagir entre a disciplina de Anatomia e as demais disciplinas; b) desenvolver habilidade no manejo das fontes indicadas como complemento e enriquecimento das atividades da classe; c) adquirir conhecimentos necessários à atuação em saúde; d) ser capaz de compreender as responsabilidades com vidas humanas, demonstrando conhecimentos necessários à atuação em saúde; e) apresentar habilidade de analisar, relacionar, avaliar e sintetizar os dados obtidos em leituras, nas exposições do professor e dos colegas, nas discussões e debates; f) conhecer as características de um cliente-paciente em estado com alterações de saúde. Diante dos objetivos citados percebe-se que a disciplina constitui uma base para a formação do técnico em enfermagem e sua atuação profissional futura.

II.2 Técnico em Enfermagem

O curso técnico em enfermagem nas instituições aonde funciona quer sejam públicas ou privadas corresponde à duração de dezoito a vinte e quatro meses, perfazendo uma carga horária entre mil e seiscentas a mil e oitocentas horas. A carga horária está dividida entre os componentes teóricos e o estágio supervisionado. Dependendo da organização curricular da instituição na maioria das vezes as primeiras três etapas são teóricas, teórico-práticas e a quarta etapa é prática tanto no âmbito hospitalar como na rede pública, isto é, em nível ambulatorial (Brasil, 2008).

O candidato para ingressar no curso precisa estar cursando o segundo ano do ensino médio, ou ter concluído. Ainda, há escolas que adotam como critério ser maior de dezoito anos de idade, pois consideram a formação na área da saúde, em especial no curso técnico em enfermagem, de muita responsabilidade e comprometimento com o outro (Brasil, 2008).

Salienta-se que este comprometimento requer uma maturidade diante do binômio; saúde-doença e dos cuidados a serem executados diante do cliente-paciente. O Ministério da Educação e Cultura, descreve sobre a caracterização da área da saúde que:

Compreende as ações integradas de proteção e prevenção, educação, recuperação e reabilitação referentes às necessidades individuais e coletivas, visando a promoção da saúde, com base em modelo que ultrapasse a ênfase na assistência médico-hospitalar. A atenção à saúde abrange todas as dimensões do ser humano – biológica, psicológica, social, espiritual, ecológica – e são desenvolvidas por meio de atividades diversificadas (...). As ações integradas de saúde são realizadas em estabelecimentos específicos de assistência à saúde, tais como postos, centros, hospitais, laboratórios e consultórios profissionais, e em outros ambientes como domicílios, escolas, creches, centros comunitários, empresas e demais locais de trabalho (Brasil, 2008).

O técnico em enfermagem terá em média mil e duzentas horas de aulas teóricas, ou teórico-práticas conforme a disciplina, divididas nos diferentes componentes curriculares. A anatomia humana, ou anatomia e fisiologia humanas dependendo da organização da grade curricular do curso será ministrada em média de quatro, seis ou oito créditos e pertence à primeira etapa. Outro aspecto preponderante é a existência, na instituição, de laboratórios de morfologia para às aulas teórico-práticas e práticas da disciplina ou são feitas parcerias com outras instituições para a complementação das atividades didático-pedagógicas. As metodologias utilizadas para o desenvolvimento do curso, e conseqüentemente da disciplina de anatomia são: aulas dialogadas e expositivas, pesquisas, dias de campo, aula no laboratório, oficinas pedagógicas, relatório das atividades teórico-práticas, entre outros (Brasil, 2008).

Na quarta etapa, geralmente é realizado o estágio supervisionado tanto no âmbito hospitalar como no extra-hospitalar que inclui a atenção básica à saúde, nos ambulatorios, nos postos de saúde, casas de repouso, asilos, clínicas e outros. O estágio tem o início nas unidades abertas tais como: de clínica médica, de clínica cirúrgica, de pediatria, de maternidade, de traumatologia e ortopedia, entre outros (Brasil, 2008).

E, a seguir as unidades fechadas como: centro de material e esterilização, bloco cirúrgico, sala de recuperação, centro de atendimento especializado de enfermagem. Ainda no centro de terapia intensiva, se o controle de infecção da instituição permitir o estágio, devido à restrição quanto as bactérias multirresistentes. Tal restrição quanto aos centros de atendimentos intensivos obedece às normalizações do controle de infecção da instituição e da equipe gestora da instituição. O estágio supervisionado integra as unidades abertas e fechadas, a nível hospitalar e as instituições privadas e públicas tais como: postos, unidades de saúde, asilos e outras. Atualmente, o estágio supervisionado contempla quinhentas horas e não pode haver faltas, estas são recuperadas, num prazo estabelecido, conforme as vivências e as necessidades detectadas (Brasil, 2008).

As atribuições do técnico em enfermagem são definidas pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e fiscalizadas pelo Conselho Regional de Enfermagem (COREN). Este profissional de nível médio na área da enfermagem desempenha as suas funções profissionais sob a supervisão do enfermeiro(a). O técnico em enfermagem poderá atuar na área hospitalar pública e privada, em clínicas na área da saúde, clínicas geriátricas, assistência domiciliar e na rede pública de atenção básica à saúde (Brasil, 2008).

Há uma crescente demanda deste profissional quer na rede pública como na hospitalar, bem como do comprometimento do grupo docente quanto a uma formação que contemple as necessidades do mercado, diante das inovações tecnológicas e terapêuticas. Saube afirma que:

O curso, como unidade didática fundamental do processo de formação profissional, pode e deve constituir instância de articulação do conhecimento, envolvendo núcleos de saber interdisciplinar e multidisciplinar que, em torno de objetivos comuns, agreguem setores, departamentos, (...) (1998).

Sendo assim, a formação do aluno, no referido curso, integra e envolve muitos saberes que são articulados durante a formação do indivíduo e, continuamente depois na atuação profissional. Para contemplar uma formação de qualidade os saberes são interligados e divididos em etapas específicas e os conhecimentos aprofundados à medida que os objetivos são concretizados, no processo ensino-aprendizagem.

II.3 Avaliação da Aprendizagem

O profissional da educação precisa ter noção da sua atuação no processo ensino-aprendizagem e buscar, sempre que possível, respostas a sua inquietação, em especial quando é professor em cursos profissionalizantes, pois segundo Demo (1998) "(...) nunca permitir a separação entre a teoria e a prática, ao contrário, mostrar como a reconstrução do conhecimento se nutre tanto da teoria como da prática e das duas sempre juntas", pois o sujeito em formação deverá dominar ambas. O professor deverá auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua competência salientando a importância relevante que o conhecimento teórico representa no aprimoramento do seu saber.

A educação apresenta objetivos que são planejados e integram um plano vinculado ao processo de ensino e para Minguet é fundamental lembrar que

À educação interessa evidentemente a eficácia na relação prática do binômio ensino-aprendizagem. Qualquer outra formulação menos exigente careceria de sentido. A busca e obtenção de eficácia torna obrigatório o conhecimento de como se produz a aprendizagem, para acomodar o ensino às características da forma de aprender ou adquirir conhecimentos (1998).

A aprendizagem caracteriza-se pelo desafio de reconstruir o conhecimento relacionado com o processo educativo. Inúmeras são as teorias que enfatizam os conhecimentos teórico-práticos da aprendizagem, dentro de um contexto interdisciplinar que engloba todas as ciências relacionadas com o aprender, desaprender e reaprender do indivíduo. Enfatiza-se o papel essencial que desempenha o professor, na condição de facilitador, não só porque se aprende sozinho, mas sobre tudo porque a aprendizagem precisa de motivação humana e decorrente avaliação (Bastable, 2010).

Acrescenta-se a isto que a avaliação possui como funções gerais: a) fornecer as bases para um planejamento educacional; b) possibilitar a classificação e seleção do indivíduo na condição de aprendiz; c) reavaliar e ajustar as políticas e as práticas didático-pedagógicas. E, ainda reforça que as funções específicas da avaliação são: a) facilitar o diagnóstico do processo ensino-aprendizagem; b) melhorar a aprendizagem e o controle do ensino; c) realizar e estabelecer as situações de aprendizagem individuais; d) promover a classificação do aluno, a partir do nível de aproveitamento ou rendimento (Turra, 1985).

O professor precisa ser capaz de estabelecer uma compreensão empática com o seu aprendiz e perceber como este integra o processo da aprendizagem significativa e, assim proporcionar a aprendizagem auto iniciada. E, ainda, o educador não deve impor padrões de aprendizagem e de conhecimentos; bem como dos conteúdos a serem desenvolvidos; nem deve moldar o estudante conforme padrões preestabelecidos, mas, sim, auxiliá-lo no processo ensino-aprendizagem, respeitando o ser do educando e contribuindo para a sua integração no processo educativo (Bicudo, 1983).

Diante de tais perspectivas do conhecimento, conforme a autora, a aprendizagem adquire conotações específicas. Trata-se de uma aprendizagem significativa para aquele que aprende e que não resulta apenas da intervenção de uma terceira pessoa, pois:

A aprendizagem significativa admite que a pessoa aprende apenas o que tiver relação com o seu campo de experiências. Apresenta um nível elevado de envolvimento, pois a pessoa inclui-se como um todo na experiência a partir da qual aprende. Isso quer dizer que não separa os aspectos sensíveis dos lógicos no ato de aprender. Trata-se de uma aprendizagem auto iniciada, uma vez que o interesse para aprender provém da própria pessoa que percebe a relação entre o que quer saber e o seu campo de experiências (...) (Bicudo, 1983).

A vivência na docência confirma que não há uma metodologia que garanta uma avaliação precisa, imparcial e inquestionável, pois apesar de possuir critérios pré-estabelecidos sempre o olhar do professor diante do aprendiz tem particularidades, individualidades. Confirma-se novamente que o objeto a ser avaliado e o método utilizado apresentam uma viabilidade e aplicabilidade relativa quando relacionados a uma aprendizagem significativa ou experimental. O professor precisa buscar o “saber-fazer” continuamente, pois assim torna-se operante e eficaz na sua função profissional. As instituições educacionais, particularmente as de ensino médio profissionalizante, como prestadoras de serviços de alta relevância social, devem estar atentas ao desenvolvimento tecnológico, não só para adaptações temporárias, fruto de circunstâncias favoráveis, mas sim buscar ações político-pedagógicas inovadoras e aplicáveis (Costa, 2003).

Então, para Delors (1996) “a educação ao longo de toda a vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir”, o professor neste processo tem um papel fundamental quanto ao saber e o desenvolvimento de competências e de habilidades dos indivíduos que estão sob sua responsabilidade. Ainda acrescenta-se que a estrutura educacional tem evoluído nos últimos anos, representando assim novas perspectivas de ação pedagógica e de avaliação, o que exige flexibilidade e preparação profissional constante do professor.

A avaliação se caracteriza por ser um processo que faz parte de um ciclo que serve de tomada de decisão, no processo educativo e a partir deste resultado que se tem uma direção para replanejar ou planejar as ações didático-pedagógicas nas etapas. Para Bastable (2010) é importante conhecer os passos de uma avaliação que incluem:

(1) determinar o foco da avaliação, incluindo o uso de modelos para realizá-la; (2) planejá-la; (3) conduzi-la; (4) determinar os métodos de análise e interpretação dos dados coletados; (5) relatar os resultados dos dados coletados; e (6) usar os resultados da avaliação. Cada um desses aspectos do processo de avaliação é importante, mas todos perdem o significado se os resultados desta não forem usados para orientar ações futuras no planejamento e na execução de intervenções educativas. Em outras palavras, os resultados da avaliação fornecem evidências baseadas na prática para apoiar a continuidade de uma intervenção educativa, como se apresenta, ou a revisão dessa intervenção para aumentar a aprendizagem.

A ação do professor deve implantar técnicas e sistemas de avaliação que garantam um maior controle sobre as atividades práticas desenvolvidas com o grupo discente quanto a sua formação e qualificação. Este controle é o processo de prevenir, monitorar, instrumentalizar e corrigir as ações científico-pedagógicas e sempre que possível realizar uma reavaliação. O controle começa com uma referência aos objetivos estabelecidos e ao perfil do profissional que se pretende formar, habilitar, a partir de determinadas habilidades e competências definidas no projeto político-pedagógico (Benincá, 2010).

Apesar das dificuldades, o exercício de controle, de avaliação do grupo discente pelo professor adquire uma relevância maior devido às exigências impostas às organizações pelas mudanças do mundo atual, quanto à habilitação desse profissional da área da saúde de nível médio. No processo de formação, há a necessidade de se avaliar a aprendizagem do aluno na condição de aprendiz. Para Costa (1999):

O ato de avaliar implica coleta, análise e síntese de dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado para aquele tipo de objeto...o valor ou qualidade atribuídos ao objeto conduzem a uma tomada de posição a seu favor ou contra ele. E o posicionamento a favor ou contra o objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele.

Constata-se que a avaliação é um ato que ultrapassa uma simples verificação e exige uma dinâmica de ação diante do processo ensino-aprendizagem. A realidade na escola brasileira é a realização da verificação e não a avaliação da aprendizagem. O que caracteriza o resultado em função de se estabelecer uma classificação quanto à aprovação ou reprovação. Porém, em alguns casos raros tem-se uma preocupação que se manifesta como um processo de compreensão dos limites, dos avanços e das dificuldades que os educandos estão enfrentando para atingir os objetivos da disciplina. Neste sentido, a avaliação é um instrumento que serve para conduzir a uma ação e as alterações da prática didático-pedagógica vigente. Costa (2003) ao estudar a prática pedagógica na enfermagem reafirma que: O repertório de esquemas práticos facilita o desenvolvimento ordenado da atividade. Aplicados com certa flexibilidade, segundo modificações, eles configuram a profissionalidade como um ofício arte que se exprime em um saber fazer. O esquema prático é a ordem explícita da ação reguladora de seu desenvolvimento. Esquemas práticos estão enraizados na cultura; a estrutura da ação é constante e se adapta a um contexto também relativamente estável, tornando a prática homogênea (...). A prática docente é a somatória dos esquemas práticos postos em jogo. (...) Um esquema estratégico vai além da rotina. É um princípio regulador aos níveis intelectual e prático, ou seja, é uma ordem consciente na ação. Os esquemas estratégicos implicam um saber como, completado com o saber por quê. A sua funcionalidade em múltiplas situações práticas deve-se ao fato de se constituírem em instrumentos globalizadores de saberes e de ações.

Os saberes e as ações educativas no cotidiano do aprendiz são significativos se agregados ao processo ensino-aprendizagem. Nos dias atuais, há muita informação que chega ao aluno-aprendiz, mas nem sempre são conhecimentos adquiridos. Então, torna-se essencial adotar um planejamento estratégico para o desenvolvimento da atividade pedagógica. A prática docente compreende a inúmeras etapas para analisar através de métodos as necessidades de aprendizagem do aprendiz (Benincá, 2010).

Bastable (2010) ao descrever sobre os estilos de aprendizagem, cita seis princípios que são resumidos assim:1) Tanto o estilo com o qual o educador prefere ensinar quanto aquele por meio do qual o aprendiz prefere aprender podem ser identificados;2) O educador precisa evitar empregar métodos de ensino e ferramentas que atendam seus próprios estilos de aprendizagem preferidos;3) Os educadores são mais prestativos quando ajudam os educandos a identificar seus estilos preferidos de aprendizagem e a aprender por meio deles;4) Os estudantes devem ter a oportunidade de aprender por meio de seu estilo preferido;5) Os aprendizes devem ser encorajados a diversificar seus estilos preferidos; 6) Os educadores podem desenvolver atividades de aprendizagem específicas que reforcem cada modalidade ou estilo. Ainda, acrescenta que o estilo de aprendizagem poderá ser determinado ou identificado através de três mecanismos tais como: observação do aprendiz; entrevista do aprendiz e pelo emprego de instrumentos de avaliação.

Portanto, a avaliação da aprendizagem é comparável quanto à dificuldade e a sua complexidade no contexto, em especial no curso técnico de enfermagem, pois exige do professor a tomada de decisões quanto aos objetivos, aos conteúdos e aos procedimentos a serem adotados, mas para tal decisão em relação ao que e como avaliar requer conhecimentos e habilidades (Turra, 1985).

O mesmo autor argumenta que: “A importância da avaliação bem como os procedimentos de avaliação tem variado no decorrer dos tempos, sofrendo a influência das tendências de valorização que se acentuam em cada época e dos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia” (Turra, 1985), mas independente dos tempos continua a integrar o processo ensino-aprendizagem e a reflexão do professor quanto a sua aplicabilidade, validade, autenticidade, flexibilidade no planejamento educacional.

Consequentemente, a utilização de um determinado instrumento de avaliação, como por exemplo, as provas objetivas podem eliminar as dimensões subjetivas e assim reduzir as outras possibilidades intelectuais do estudante tais como: a lógica, a crítica, as dimensões criativas, o estabelecimento de relações significativas com os conteúdos desenvolvidos, a falta de ligação com as aplicações práticas, entre outras (Santomé, 1998).

No contexto do trabalho, em especial como técnico de enfermagem as situações vivenciadas exigem do profissional a integração da fundamentação teórica com a prática e, portanto, o instrumento de avaliação exige do professor uma escolha que venha permitir ao estudante uma reflexão sobre as informações, perspectivas e experiências adquiridas no cotidiano escolar e suas aplicações e implicações futuras (Costa, 2003).

III. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se por ser bibliográfico, qualitativo, descritivo e exploratório. Possui a denominação de uma pesquisa bibliográfica devido ao fato de ser elaborado a partir de material anteriormente publicado, principalmente em livros, artigos de periódicos e atualmente com material didático disponibilizado na internet (Righes, *et.al.* 2007, p 03).

Há uma vasta literatura envolvendo livros, periódicos e artigos quanto à avaliação da aprendizagem, na área da educação. Muitas inquietações, questionamentos são constantes e emergem desde os anos iniciais da escolarização até nos programas de pós-graduação. No curso técnico em enfermagem, a vivência na docência não é diferente, e torna-se ainda mais preocupante, pois tem-se como objetivo formar profissionais na área da saúde, mais especificamente na enfermagem. A pesquisa bibliográfica para Rauber e Soares (2003) apresenta como características:

(...) os procedimentos que serão leituras, fichamento e síntese de ideias; crítica a outros autores, construção de um novo texto, que incluirá a reconstrução dos argumentos dos autores analisados, apropriação de ideias de outrem, devidamente citado, posicionamento crítico e exposição de novos argumentos, novas ideias, nova solução para os problemas levantados.

Os componentes curriculares estão adotando na sua maioria uma avaliação não dada em notas, números, mas sim em menções (ótimo, bom, suficiente, insuficiente), ou apto e não apto, a partir de competências e habilidades que o aluno na condição de aprendiz adquirir, no caso do curso referente aos quatro semestres. Sendo assim, há pouca literatura específica, num primeiro momento foram realizadas inúmeras leituras sobre o tema de maneira abrangente e, após uma discussão diante do problema a ser elucidado e então encontrar na prova prática uma possibilidade para avaliação do aluno, no curso Técnico em Enfermagem, na disciplina de Anatomia Humana.

A escolha pela disciplina, em especial está relacionada à prática docente exercida e que ao realizar uma reflexão sobre o tema, na maioria das vezes há dúvidas, quanto a avaliação da aprendizagem e os métodos utilizados se são confiáveis, válidos e, principalmente se os objetivos são alcançados parcial ou totalmente. A avaliação como tema provavelmente não apresenta uma única verdade, ou resposta, pois integra um contexto escolar que apresenta interferências sociais, culturais, econômicas, políticas, raciais e outras.

Os livros estudados são alguns do pesquisador e outros da biblioteca da universidade local, bem como de colegas da área que realizam pesquisa sobre diversos assuntos referentes à prática didático-pedagógica. Ainda foram utilizados livros, periódicos e artigos relacionados ao tema aprendizado em anatomia humana disponíveis em sites como Google school, Scielo, Lilacs, MedLine e base de dados como a Bireme.

IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise dos autores pesquisados; Demo (1998), Benincá (2010) e Libâneo (1994) quanto ao tema abordado, constata-se que são unânimes em argumentar que a avaliação da aprendizagem é inquietante, polêmica, complexa e desafiadora para o profissional da educação. Ao confrontar os autores citados, estes questionam a maneira como o aluno é mensurado, classificado no sistema educacional vigente e ainda são críticos quanto à elaboração de critérios classificatórios e seletivos que integram o processo ensino-aprendizagem.

Libâneo (1994) chama a atenção ao profissional da educação quanto as suas ações didático-pedagógicas e a verificação da aprendizagem que se concretiza e não a avaliação de aprendizagem do sujeito na condição de aprendiz. Para o autor o processo de ensino, apresenta a avaliação da aprendizagem que é formada pelas tarefas de: verificação, qualificação e apreciação qualitativa. E, que a avaliação escolar tem como finalidade cumprir pelo menos três funções: a didático-pedagógica, a de diagnóstico e a de controle.

E, na seleção o importante é ser aprovado, sem uma preocupação com o desempenho referente à aprendizagem adquirida. Assim, Bicudo (1983), Minguet (1998) e Saupe (1998) salientam a importância de uma aprendizagem significativa a ser proporcionada e planejada para o sujeito aprendiz. Ainda, questionam as estratégias e os instrumentos de avaliação empregados como os pesquisadores Demo (1998), Benincá (2010) e Libâneo (1994).

Então, Minguet (1998) escreve que a aprendizagem acontece a partir de uma dupla perspectiva, sendo a primeira denominada de processual, na qual às intervenções sobre os sujeitos apresenta uma série de condições para que sejam educativas e numa segunda, a do produto, que os efeitos do processo possam vir a realizar as modificações do sujeito e, assim ocorra o estabelecimento de uma relação com o *pattern* e não aconteça somente conexões entre os estímulos e as respostas. A autora afirma que para tal processo de intervenção não ser repetitivo e passivo, há duas condições essenciais: a primeira a significação da aprendizagem e a segunda a resposta ativa ou a participação do sujeito na produção de resultados da aprendizagem. Tais ideias são defendidas por Bicudo (1983), também quanto à formação do educando e a aprendizagem significativa, no processo educacional.

Ao estudar Turra (1985) e Bastable (2010) busca-se compreender nos seus estudos, as quatro etapas que integram a aprendizagem do indivíduo e a elaboração de um resumo do processo ensino-aprendizagem que se caracteriza pela: a) definição do público-alvo; b) análise da organização e do sujeito aprendiz; c) análise das necessidades reais detectadas; d) priorização das necessidades de aprendizagem identificadas. Os autores afirmam que para atingir as etapas descritas é fundamental realizar um diagnóstico, através de instrumentos de avaliação.

Para Costa (2003), a autora reforça e descreve os desafios da atuação profissional no ensino médio, do professor, e sugere que este seja capaz de extrapolar as situações vivenciadas. Ainda, faz um alerta para o professor não perder de vista os objetivos, não ser somente técnico, mas reflexivo quanto a sua prática pedagógica. E, argumenta que as implicações educacionais são necessárias para uma prática reflexiva e reafirma que as reflexões integradas a uma prática pedagógica são imprescindíveis para a produção do conhecimento e a formação do educando.

Conforme Turra (1985) e Benincá (2010) a avaliação da aprendizagem apresenta uma conexão direta com os objetivos norteadores da ação educativa, sendo fundamental para a coleta de dados relativos ao aproveitamento observado, comprovado pelo educando, no processo ensino-aprendizagem. Ambos os autores ao tratar sobre a avaliação educacional, demonstram uma enorme preocupação da dicotomia presente no processo ensino-aprendizagem quanto ao tema em questão. A dicotomia está centrada em especial quanto à ênfase da verificação da aprendizagem, na medida, na nota, no conceito e não na produção de conhecimento, isto é, na avaliação da aprendizagem do educando.

De acordo com Demo (1998) e Benincá (2010) não poderá haver separação entre a teoria e a prática, pois ambas se complementam. O educando deverá integrar este processo para construir o seu conhecimento. Neste aspecto, Libâneo (1994) reforça a ideia de integração entre a teoria e a prática, juntamente com Morin (2002). Para argumentar a colocação cita-se Libâneo que diz: "o estudo é a atividade cognoscitiva do aluno por meio de tarefas concretas e práticas, cuja finalidade é a assimilação consciente de conhecimentos, habilidades e hábitos sob a direção do professor" (1994).

Neste sentido, no ambiente escolar implica conduzir os alunos com tarefas que o obriguem à prática capacidades superiores e não a atividades que incluem à mera lembrança e a memorização. Acredita que uma prática educacional com esta filosofia é capaz de concretizar as aprendizagens significativas, pois emergem assim as novas informações, conceitos, experiências.

Como foi possível perceber ao estudar Freitas (2004) e Bastable (2010) a importância do embasamento técnico-científico e da terminologia para a compreensão da disciplina a fim, e dos conhecimentos pertinentes para a formação do profissional do indivíduo, em especial na área da saúde. Ainda, Bastable (2010) salienta que:

A aprendizagem é um conceito complexo, não sendo encarado diretamente, mas que pode ser inferido a partir de mudanças permanentes ocorridas no comportamento do aprendiz nos domínios cognitivos, psicomotor e afetivo. Não devem ser estabelecidos objetivos comportamentais para estes três domínios até que o educador determine quais as necessidades de aprendizagem, quando o aprendiz está pronto para aprender e como ele aprende melhor. Com base nas descobertas da avaliação diagnóstica desses três determinantes, o educador está capacitado para escolher as abordagens de ensino e as atividades de aprendizagem que melhor se adaptam a cada indivíduo.

Através da visão de Benincá (2010) é fundamental definir o perfil do profissional que se pretende formar/habilitar e a partir deste ponto elaborar os objetivos pertinentes quanto às competências e habilidades a serem

trabalhadas com o sujeito na condição de aprendiz, no processo ensino-aprendizagem. E, assim interferir de maneira significativa, permanente, gradativa e contínua na avaliação da aprendizagem, por meio de instrumentos avaliativos, no desempenho do educando. Acrescenta que o educador é o agente capaz de interferir de maneira consistente e consciente no projeto político pedagógico. Para o autor:

O plano de educação possibilitará a construção de um processo pedagógico condutor e orientador de todas as ações pedagógicas; a busca de autonomia e a construção da cidadania; a transformação da ação educativa num processo de práxis pedagógica e a produção de sentidos humanos gerados na experiência pedagógica escolar. O plano de educação necessita se transformar em consciência prática dos educadores para que se transforme em fonte inspiradora das ações humanas (2010).

De um modo geral, os autores pesquisados ao abordar o tema a avaliação da aprendizagem enfatizam que o sistema educacional não realiza a avaliação do processo ensino-aprendizagem, mas sim classifica as ações pedagógicas, conforme os resultados obtidos através de testes e provas padronizados. Neste contexto, buscam fazer com que o professor como agente do processo, o facilitador da aprendizagem, venha a ser um sujeito capaz de refletir sobre as suas práticas didático-pedagógicas e talvez com o tempo não somente mensurar o seu aluno, mas realizar a avaliação da aprendizagem de maneira individualizada, reflexiva e ética.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema avaliação da aprendizagem, no fazer pedagógico, requer muitas leituras e na busca constante de respostas às inquietações do professor reflexivo, independente da área da atuação profissional. O estudo apesar do seu caráter bibliográfico comprova que a avaliação do processo ensino-aprendizagem é um desafio constante na prática didático-pedagógica, especialmente no curso técnico em enfermagem, na disciplina de anatomia humana.

O estudo ainda contempla a necessidade do professor como facilitador da aprendizagem utilizar vários instrumentos de avaliação para desenvolver as habilidades e as competências específicas para o mundo do trabalho, diante da demanda do contexto vigente. Constata-se que os instrumentos são limitados e portanto, muitas vezes a mescla de muitos é necessária para que o professor possa apresentar dados pertinentes e, assim realizar a avaliação da aprendizagem de forma abrangente, significativa e qualitativa que integra o projeto político pedagógico da instituição de ensino público ou privado.

É importante, o profissional da educação, saber diferenciar a avaliação da aprendizagem da verificação da aprendizagem, pois nas escolas o que ocorre na maioria das vezes é a concretização da segunda opção citada. A verificação da aprendizagem geralmente chega a uma conclusão quando o educando recebe uma nota, um conceito ou uma menção. E, nestas situações dependendo do resultado o máximo que se solicita ou se exige do educando é mais estudo, pois não atingiu os objetivos definidos, anteriormente ou alguma atividade para recuperar a nota, mas não possibilitar uma aprendizagem significativa.

Na avaliação da aprendizagem, faz-se a mensuração a partir de uma nota, um conceito ou uma menção, conforme o projeto político-pedagógico vigente, mas o professor busca juntamente com o educando e não raras vezes com outros colaboradores da área da educação, com o intuito de identificar as dificuldades e os desvios da aprendizagem e, assim utilizar os instrumentos e as metodologias adequadas para que estas sejam supridas e os resultados planejados, obtidos.

A disciplina de anatomia humana, devido a sua complexidade e dimensão exige muito mais que avaliações escritas, com questões objetivas, subjetivas, interpretativas e cumulativas quanto aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, laboratório, oficinas, pesquisas e outros. Para atingir os objetivos do curso e dar uma formação de qualidade ao educando, uma avaliação prática além da avaliação cumulativa escrita, faz-se necessária e contempla as demandas no contexto atual. Portanto, a partir dos resultados o professor terá subsídios para realizar uma análise individual e mais ampla do desempenho do indivíduo, na condição de aprendiz de um curso técnico, na área da saúde, quanto a sua aprendizagem.

Na utilização da prova prática, como instrumento de avaliação, muitas competências e habilidades o aluno deverá desenvolver, tais como: a observação; relacionar o conteúdo teórico com a prática; analisar relações/interligações; identificar o objeto; definir o objeto e formular/ marcar a respostas. Consequentemente, a aprendizagem poderá ser avaliada de uma maneira mais abrangente e, principalmente alcançando os objetivos propostos pelo curso técnico em enfermagem, e a formação de um profissional de nível de técnico qualificado, com comprometimento ético e profissional diante do binômio, saúde-doença.

Portanto, a prova prática na disciplina de anatomia humana dos cursos de graduação é algo rotineiro e possibilita fornecer ao educando uma alternativa relacionada a um instrumento de avaliação, devido aos avanços dos procedimentos terapêuticos, métodos diagnósticos e avanços tecnológicos torna-se essencial a aplicabilidade desta modalidade avaliativa nos cursos técnicos da área da saúde. Tal proposta apresenta uma relevância significativa, pois irá provavelmente suprir as lacunas diretamente relacionadas à avaliação da aprendizagem e os entraves do fazer-pedagógico.

Para tanto, a formação do técnico em enfermagem exige competências e habilidades específicas que integram o ato de cuidar, pois no cotidiano do trabalho, este executa atribuições de média complexidade, sob a supervisão do enfermeiro (a) e auxilia o enfermeiro (a) em atribuições de alta complexidade, logo deverá desenvolver conhecimentos condizentes com a sua atuação profissional.

Ainda, constata-se que será possível realizar uma análise da proposta didático-pedagógica e se houver demandas e necessidades detectadas então realizar as mudanças e as alterações cabíveis para que o processo ensino-aprendizagem seja executado com eficácia e eficiência pelos sujeitos, na condição de aprendiz e de facilitador da aprendizagem.

Enfim, acredita-se que ao introduzir a prova prática no curso técnico em enfermagem o professor se apropria de mais um instrumento de avaliação e assim, talvez algumas das inquietações quanto ao tema complexo do processo educativo-formativo tenha uma alternativa viável diante do contexto estudado e dos objetivos propostos quanto à formação de um profissional de nível técnico, na área da saúde para suprir as demandas do mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Amaral Costa, F. N. (2003). *Visitando a prática pedagógica do enfermeiro professor*. São Paulo: RiMa.
- Bastable, S. B. (2010). *O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Bicudo, M. A. V., & Martins, J. (1983). *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Editora Contexto.
- Brasil (2008). *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica: legislação básica – Técnico de Nível Médio*. Brasília: MEC, SETEC.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (2002). *Metodologia Científica*. São Paulo: Prentice Hall.
- Costa, M. A. (1999). *Avaliação em Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ/ CFCH-CEP/ Divisão de Ensino.
- Delors, J., Chung, F., Geremek, B., Gorham, W., Kornhauser, A., Manley, M., & Suhr, M. W. (1996). Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. *Educação um tesouro a descobrir*, 6.
- Demo, P. (1998). *Questões para teleducação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Freitas, V. (2004). *ANATOMIA: Conceitos e Fundamentos*. Porto Alegre: Artmed.

- Libâneo, J. C. (1994). *Didática. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor*. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (1999). *Pedagogia e pedagogos para quê?*. São Paulo: Cortez.
- Luckesi, C. C. (1995). *Verificação ou Avaliação: O que pratica a escola? Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez.
- Minguet, P. A. (1998). *A construção do conhecimento na educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Morim, E., Almeida, M. C., & Carvalho, E. A. (2002). *Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez.
- Parizzi, A. (2004). *Anatomia Humana Básica*. Passo Fundo: UPF.
- Rauber, J. J., & Soares, M. (orgs). (2003). *Apresentação de Trabalhos Científicos: normas e orientações práticas*. Passo Fundo: UPF.
- Righes, A. C. M. (2007). *Manual de Normas Técnicas: Estilo e estrutura para trabalhos acadêmicos*. União da Vitória: UNIGUAÇU.
- Rigutti, A. (2007). *Atlas de anatomia*. São Paulo: Girassol.
- Santomé, J. T. (1998). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: ArtMed.
- Saupe, R. (1998). *Educação em Enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Turra, C. M. G., Enricone, D., Sant'Anna, F., & André, L. A. (1985). *Planejamento de Ensino e Avaliação*. Porto Alegre: SAGRA.